



Antíteses

ISSN: 1984-3356

antiteses@uel.br

Universidade Estadual de Londrina
Brasil

Pereira, Renato Fagundes
Por uma nova leitura de Michelet no Brasil
Antíteses, vol. 11, núm. 22, 2018, Julho-Dezembro, pp. 849-851
Universidade Estadual de Londrina
Brasil

DOI: <https://doi.org/10.5433/1984-3356.2018v11n22p949>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193358862002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UEM redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Por uma nova leitura de Michelet no Brasil

TEIXEIRA, Maria Juliana Gambogi. *A Profetisa e o Historiador: sobre A Feiticeira de Jules Michelet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017. 312 p.

Renato Fagundes Pereira ¹

No século XIX, algumas obras de Jules Michelet foram trazidas ao Brasil, isso se deve, em partes, ao sucesso de *L'Oiseau* (1857) em Paris, (onde estimava-se a venda de trinta e três mil unidades), embora a recepção de suas ideias tenha ocorrido principalmente na segunda metade do século XX, com as primeiras traduções das obras historiográficas e teóricas do movimento dos *Annales* (Lucien Febvre nunca negou o legado micheletiano em suas análises). A partir da década de 1970, as ideias de Michelet chegam ou por aqueles que discutiam a história e a metodologia dos *Annales* ou por aqueles que começavam a refletir sobre a crise dos paradigmas na historiografia -A presença de Jules Michelet é marcante nos livros de Peter Burke e Dosse sobre os *Annales*, por exemplo, e nos argumentos de Paul Veyne, Michel de Certeau, Jacques Rancière e Hayden White sobre as ficcionalidades da história.

Muitos estudos foram publicados no Brasil, os quais assinalam a importância de Jules Michelet como precursor dos *Annales*, da história das mulheres, do povo e da cultura, mas, raros são aqueles que se esforçaram em compreender o historiador no movimento do seu próprio pensamento, no élan-criador do conhecimento histórico e na historicidade do próprio autor. Nesse sentido, não são exageros as palavras Jean-Michel Rey sobre a modéstia do subtítulo, *A feiticeira de Jules Michelet*, no recém-lançado livro *A profetisa e o historiador* de Maria Juliana Gambogi Teixeira.

A professora da UFMG retoma sua tese doze anos depois de sua defesa, são quase três décadas dedicadas a fimco à pesquisa das ideias micheletianas, e nos proporciona uma leitura singular, inaudita, principalmente, entre nós, brasileiros, acostumados com a recepção do autor da *L'Histoire de France*, pelos herdeiros dos *Annales*. Essa distinção se assenta pelo vínculo de Gambogi Teixeira com o grupo formado por Paul Viallaneix e Paule Petitier. Esses dois especialistas na obra micheletiana realizaram nas últimas décadas um

¹ Professor do Curso de História da Universidade Estadual de Goiás - UEG. -E-mail: renatofagundes@gmail.com

trabalho árduo de muita riqueza, descobrindo e publicando textos inéditos de Michelet, organizando coletâneas, bibliotecas e seminários – podemos destacar o seminário *Michelet hors frontières* e a *bibliothèque Jacques Seebacher*, ambos com a coordenação da professora da Universidade Diderot, Paule Petitier.

O livro é dividido em três partes com dois capítulos cada um. A parte um, *O Tenebroso Mar de La Sorcière* é preciosa para compreender a trama que atravessa todo o livro: *A Feiticeira*, obra publicada por Michelet, em 1862. Enganar-se-ia quem imaginasse encontrar nessas páginas apenas a história de um livro. Trata-se de um esforço mais profundo, na tentativa de constituir no interior da obra monumental de Jules Michelet o caminho da feitiçaria como objeto, suas inflexões e seus delineamentos, durante mais de meio século de produção do historiador. A análise do próprio texto, *A Feiticeira*, se apresenta, principalmente, no capítulo dois, no entanto, ela não acontece fora de um solo, como gostava de afirmar o próprio Michelet, e sim dentro de um plano de imanência micheletiano, que só é possível por uma conhecedora dos arquivos e das ideias do século XIX.

A parte dois do livro, *História ao Pé da Letra*, representa uma contribuição das mais notáveis: a história da historiografia e a teoria da história. Gostaríamos de insistir na novidade dessa análise no Brasil e em textos em língua portuguesa. A autora retoma o vínculo entre Michelet e Vico, explorado desde o século XIX, para romper com ele e demonstrar no contexto das ideias o débito viconiano, enfatizando as rupturas e as criações micheletianas. A questão da lenda e da cultura popular, familiar ao romantismo, emerge no capítulo final dessa parte. Particularmente, os dois capítulos que fazem parte desse recorte são os quais a pesquisadora mais me surpreende pelo gênio de articulação e uma consistência de domínio teórico, cuja finalidade é estabelecer a relação entre o lendário, a história e o ficcional em Jules Michelet.

Na última parte do livro, *Verso e Avesso da Narrativa*, Gambogi conduz sua reflexão da obra micheletiana no movimento de mão-dupla: da constituição do seu pensamento, no esforço intelectual de escrever história, concentra-se na *Feiticeira* e no fenômeno da feitiçaria e no interior das questões pessoais, políticas e sociais enfrentadas pelo autor. Não por acaso, a tese da autora sobre *La Sorcière* passa pela associação de Jules Michelet com a Revolução de 1848, na França:

Projetando tal hipótese sobre o cenário aberto por 1848, parece-nos possível pensar que, menos do que um interesse circunscrito em catalogar e diagnosticar o destino pontual dos movimentos revoltosos, o pensamento de Michelet tenha se voltado para, em *La Sorcière* para o que sempre fora seu centro: a condição de inteligibilidade da história moderna. Já há muito, o historiador fincara essa condição num campo de entendimento em que se conflitam dois princípios diversos, porém imbricados em seu destino: o princípio da Revolução e o princípio do cristianismo (p. 203).

O livro de Maria Juliana Gambogi Teixeira se dedica a pensar a construção do conhecimento histórico em Jules Michelet e sua íntima relação com os desafios enfrentados pelo autor no século XIX, período em que o campo historiográfico ainda estava em construção. É nesse aspecto que a *finesse* micheletiana brota, quais suas estratégias? Como ele relaciona a história com a cultura popular e os acontecimentos políticos? Qual a fronteira entre história e literatura? Como podemos pensar a relação entre Vico e Michelet? É possível separar a política da escrita histórica no pensamento micheletiano? São esses e outros questionamentos que Teixeira responde ao apropriar-se de um sólido arquivo. Aqueles interessados na história da historiografia e teoria da história verão nesse texto uma fonte inspiradora para uma análise criativa que cativa o leitor pelos desafios que ela mesma propõe.

Recebido em 27/02/2018
Aprovado em 03/10/2018